

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alice Cristina Carvalho da Trindade

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
alice_cristina08@hotmail.com

O presente trabalho faz parte das atividades realizadas durante o Estágio Supervisionado de Formação de Professores I, do curso de licenciatura em Pedagogia, durante 40 horas/aula de docência, no 1º bimestre letivo, do CMEI Professora Maria do Socorro Lima, em Natal/RN. O projeto intitulado: Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil buscou trabalhar relacionado aos conteúdos escolares, o trabalho artístico das obras de Ivan Cruz em uma turma de nível IV. Objetivamos proporcionar vivências lúdicas e prazerosas e, através delas, favorecer o desenvolvimento das linguagens orais e escritas, bem como da comunicação corporal e artística. Buscamos mergulhar no mundo das brincadeiras através da inserção de leituras, explorando a linguagem do corpo, a expressão artística das crianças e por último, mas não menos importante: brincando! Por fim, foi realizada uma grande pintura para exposição. Os resultados obtidos foram extremamente positivos, pois contribuíram para nossa formação, uma vez que nos permitiu vivenciar a realidade da sala de aula e associá-la a teoria estudada na academia, concretizando debates, discussões e teorias. Portanto, nos certificamos que colaboramos para a formação dos alunos tanto quanto eles para com a nossa, a partir de relações dialógicas durante todo o processo. Afirmamos que muito do que por nós foi aprendido, nos foi ensinado pelas crianças, em suas perguntas, gestos, olhares, seus traços no papel e afirmações que muito nos fizeram refletir sobre, para além da educação, a vida.

Palavras-chave: Brincar, Ludicidade, Formação.

Introdução

O presente trabalho foi elaborado a partir da disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores I com orientação da professora Soraneide Dantas, adjunta do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da UFRN. Apresenta as atividades realizadas durante as dez intervenções executadas ao longo do primeiro estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN no semestre de 2018.1. O estágio foi cumprido em uma turma de Nível IV da Educação Infantil no Centro Municipal de Educação Infantil Professora Maria do Socorro Lima, na Zona Oeste de Natal - RN, no turno vespertino.

A partir disso, buscamos detalhar as atividades de intervenção realizadas durante as 40 horas prescritas pela disciplina, bem como nossas apreciações e reflexões sobre a importância do Estágio Supervisionado para a formação de professores.

A prática, no nosso caso exercida no CMEI Maria do Socorro de Lima, tem um papel extremamente relevante para o docente em período formativo, uma vez que proporciona a oportunidade de vivenciar a realidade escolar pondo em prática as metodologias aprendidas no ambiente acadêmico. Dessa forma,

[...] o estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola e na sociedade. (PIMENTA, 2012)

Segundo Pimenta (2012), o estágio é a nossa oportunidade de conhecer a prática docente, analisando, elaborando e avaliando-a, ou seja, é um processo de ensino-aprendizagem.

Para além, o estágio obrigatório é ainda, muitas vezes, momento de decisão; em que muitas pessoas auto analisam sua prática e acabam por decidir se a vida do magistério é de fato desejada. Nunes (2011) concorda que os estágios colaboram para que nós, enquanto profissionais em formação, possamos começar a construir o pensamento de professor ainda no início de nossa prática.

O projeto pensado para a turma do nível IV foi intitulado “Resgatando Brinquedos e Brincadeiras: Inspirado no lúdico das obras de Ivan Cruz” e serviu como base para o tema de nossas intervenções de estágio: Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil.

Objetivando proporcionar vivências lúdicas e prazerosas e, através delas, favorecer o desenvolvimento das linguagens oral e escrita, da comunicação corporal e artística, buscamos mergulhar no mundo das brincadeiras através da inserção de leituras, explorando a linguagem do corpo, trabalhos que proporcionem a expressão artística das crianças e por último mas não menos importante: brincando!

Metodologia, Resultados e Discussão

A Base Nacional Comum Curricular em vigência apresenta entre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil:

“Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.”

O presente estudo é fruto de uma pesquisa de cunho qualitativo, com intervenção aplicada, realizada na turma em que deu-se o Estágio Supervisionado de Formação de Professores I. Ao longo do semestre, foram produzidos dois relatórios e dez intervenções aplicadas, articulando teoria e prática, perpassando as áreas da Educação Infantil. Durante nossas intervenções optamos por metodologias que incentivassem a oralidade dos alunos e pudessem introduzi-los ao mundo da leitura e escrita, uma vez que notamos ainda nas primeiras observações ser muito distante da realidade de alguns; procuramos relacionar nossas propostas ao trabalho que a professora titular já vinha fazendo com a turma, de modo a dar continuidade ao seu planejamento.

Pensando que, para as crianças, as brincadeiras servem para seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, nos empenhamos a introduzir em todas as nossas aulas momentos lúdicos.

A Base Nacional Comum Curricular em vigência apresenta entre os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil:

“Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.”

Sendo fonte de prazer e descoberta, o lúdico colabora de maneira grandiosa com o processo de ensino e aprendizagem uma vez que as atividades com esta perspectiva garantem às crianças vivências alternativas e oportunidades de interação proporcionando o desenvolvimento afetivo.

Como diz Santos (1999, p. 115):

O brincar está sendo cada vez mais utilizado na educação construindo-se numa peça importantíssima nos domínios da inteligência, na evolução do pensamento e de todas as funções superiores, transformando-se num meio viável para a construção do conhecimento.

Um pouco do que vivenciamos...

Durante nossas intervenções, na primeira aula exploramos o entusiasmo dos alunos sobre o que fizeram no final de semana, realizamos as perguntas: Como foi seu final de semana? Brincaram de quê? Como são essas brincadeiras? buscando incentivar o diálogo e trabalhar a oralidade, também nos aproveitamos do momento para aproximarmos do tema proposto para a aula e do contexto social vivido pelos alunos. Percebemos o claro entusiasmo da turma ao relatar suas vivências do fim de semana e propondo o registro dessas experiências, como indicado pelos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para a educação infantil na BNCC: “Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.” (EI03EF07), os questionamos se conheciam o que era um jornal. A partir das respostas, referenciando o jornal a algo com imagens e palavras, aquilo que passa na TV e que “conta as coisas que acontecem”, sugerimos a atividade de criação do jornal do fim de semana deles, enfatizando as brincadeiras vivenciadas. Na segunda aula, a partir dos brinquedos e brincadeiras apresentados por eles na aula anterior, seguimos a proposta do trabalho, questionando: Qual seu brinquedo favorito? Isso é um brinquedo ou brincadeira? É divertido? trabalhando assim, a oralidade e a interação, enquanto aproximávamos do tema proposto para a aula. Apresentamos, também oralmente, a diferença entre brinquedo e brincadeira a partir das respostas deles como exemplos. A partir das respostas sugerimos a atividade de registro do brinquedo ou brincadeira preferido deles, bem como um reforço a escrita do nome e da data.

A proposta para a terceira aula surgiu a fim de explorar mais os espaços oferecidos pela escola, sem desviar-se do tema geral. Sendo o faz-de-conta, uma brincadeira presente na vida das crianças desde muito cedo, é também uma diversão que vai além do “brincar por brincar”. Dessa forma, com uma mediação correta traz muitos benefícios aos processos de desenvolvimento da criança.

A brincadeira de papéis influencia decisivamente o desenvolvimento global da criança. Ao brincar, ela aprende a ser e agir diante das coisas e das pessoas, pois é a partir das ações práticas realizadas que os processos internos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autônomas e complexas, que enriquecerão os processos internos e assim sucessivamente. Portanto, as brincadeiras infantis destacam-se no vasto campo social que circunscreve a vida da criança e que representa a base do desenvolvimento de todos os atributos e propriedades humanas. (DUARTE, 2006, p. 39).

Iniciamos com a contação da história Lino, de André Neves, tratando sobre um porquinho que vive em uma loja de brinquedos. Os alunos apesar de agitados, interagiram bem nos momentos de pré e pós leitura, além de participarem atentamente durante a contação.

Após esses momentos, nos dirigimos a sala externa que contém roupas e acessórios de personagens de histórias infantis, possibilitando aos alunos se fantasiarem e brincarem de faz-de-conta. Os alunos escolheram suas fantasias livremente, pois o exercício da autonomia, no jogo simbólico, é uma característica intrínseca a prática. Ao compartilhar momentos de convivência sem ter unicamente o adulto como condutor das ações, os alunos tornam-se protagonistas de sua própria aprendizagem. Ao final, do faz-de-conta, conversamos informalmente sobre os personagens e quais as impressões deles sobre a brincadeira, com isso obtivemos respostas sobre a aula ter sido “divertida e legal”.

Para a quarta aula, a atividade planejada para o dia tratava sobre números, portanto desde a roda de conversa começamos discussões sobre os numerais, levando os alunos a fazerem

associações do “nome” do numeral a sua grafia utilizando os números da parede, bem como a data e a quantidade de alunos em sala. Realizamos uma atividade em folha incentivando o reconhecimento dos numerais, e sua pintura e reescrita, assim trabalhando a coordenação motora. Para a atividade externa, preparamos o brinquedo LEGO para que os alunos pudessem brincar, e simultaneamente, exploramos a presença da matemática nas ações que estavam realizando, utilizando a contagem de peças para formar determinado objeto, seu agrupamento por cores e formas. Dessa forma, exploramos o desenvolvimento da compreensão matemática a partir de situações práticas da vida diária, apresentando aos alunos práticas didáticas a fim de os levarem a adquirir hábitos de pensar matemática em situações diversas e extra-escolares, como visto no vídeo "Matemática e a relação com outros campos do saber no ciclo de alfabetização", do programa Salto para o futuro. Na quinta intervenção, buscamos conhecer brincadeiras e brinquedos que iniciassem com a letra A. Positivamente, os alunos nos deram muitos exemplos, como adedonha, amarelinha, adoleta, aviãozinho, e muito mais. Sugerimos a realização de uma atividade em folha que consistiu em completar com as letras que faltavam o nome de brinquedos e brincadeiras com A, bem como escrever qual eles mais gostavam, para trabalharmos na intervenção seguinte. A brincadeira mais comum entre as que os alunos foi a amarelinha, que será a proposta da próxima aula.

Na sexta aula tratamos sobre a brincadeira Amarelinha. Com o intuito de partir de algo da vivência do aluno, e trabalhar de forma lúdica as questões de matemática, linguagem corporal, artes e movimento. Conversamos sobre como eles conheceram a brincadeira, onde e com quem brincavam, quais as regras. As professoras fizeram uma explanação sobre a história da amarelinha, dialogando com os contextos da época de maneira bem simples, para um melhor entendimento dos alunos. A partir de orientações dos alunos, desenhamos uma amarelinha no quadro para exemplificar concretamente nossa brincadeira, e apontar características obrigatórias para conhecimento de todos. Em seguida, distribuimos folhas para que cada um fizesse sua amarelinha como gostasse, seguindo as características que explicamos anteriormente, bem como servir de atividade de registro. Orientamos também que fosse colocado nome e data. Nesta atividade demos enfoque aos números do 1 ao 7, trabalhando cuidadosamente suas quantidades. Ao desenhar a amarelinha passo a passo no quadro, íamos relacionando seus números as características presentes em sala de aula e questionando as crianças com, por exemplo: “quantas crianças vieram hoje com um laço na cabeça?”, “quantas professoras estão nesta na sala hoje?”, “quantos dias a semana tem?”; de modo a contemplar mais um objetivo de desenvolvimento de aprendizagem apresentado pela Base Nacional Comum Curricular: “Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.” (EI03ET07).

Após a construção da amarelinha individualmente, idealizamos uma amarelinha coletiva. Então nos encaminhamos ao espaço no refeitório, para construir com giz, uma grande amarelinha no chão. Cada aluno pôde dar sua contribuição desenhando as formas, os números. Por fim, organizaram-se em fila para brincar seguindo as regras discutidas em sala. A atividade foi muito prazerosa e envolveu todos os alunos do começo ao fim.



Na nossa sétima intervenção, apresentamos aos alunos o artista trabalhado no projeto elaborado pelas professoras titulares, Ivan Cruz; comentamos sobre sua biografia e apresentamos a turma quatro de suas obras: Amarelinha e boneca, Cabo de guerra, Pião, Jogando iô iô. Mediamos uma análise buscando fazer com que as crianças percebessem as características presentes nas pinturas: o que retratavam, as cores presentes, como as pessoas ali eram, onde estavam, o que estavam fazendo, do que estavam brincando, e se eles gostavam de alguma daquelas brincadeiras.

As crianças se mostraram muito atentas aos quadros e perceberam muitos detalhes:

“ - *Tem gente aí, são pessoas!*

- *É, tem crianças!*
- *Não, não é gente não, não pode ser pessoas porque eles não têm rosto!*
- *Eu acho que são bonecos!*”

Após esse momento de interpretação, propusemos a releitura daqueles quadros por parte das crianças. Distribuimos tampas de isopor, pincéis e tintas e colamos as imagens das obras no quadro para que ficasse visível a todos. Fomos orientando as crianças a notarem as imagens e produzirem as suas da maneira que quisessem, lembrando sempre as características mais marcantes. Inicialmente cada uma retratou o quadro que mais chamou atenção, a brincadeira que mais gosta; em seguida, empolgaram-se com as tintas e as imagens abaixo mostrarão o resultado.



A oitava intervenção tratou sobre quantidades; a fim de articular conteúdos matemáticos com brincadeiras, resolvemos fazer utilização do dado. O dado já era objeto da escola e foi permitida sua utilização. Inicialmente conversamos sobre o dado, e quais elementos o compõem e o que podem representar. Também tratamos sobre o dado ser um elemento geométrico. Após esse momento inicial, os alunos foram convidados, a exemplo das professoras, a lançar o dado, realizar a contagem da quantidade sorteada e fazer seu registro no quadro. Alguns alunos mostravam dificuldades para registrar o número, e nesses casos, fizemos o uso dos numerais colados na parede para auxílio.



Na nona intervenção, os alunos foram convidados dois a dois, a escreverem seus nomes no cartaz, durante essa atividade levantamos questionamentos sobre quem já conseguia escrever sem o crachá, quais as dificuldades encontradas e sobre o reconhecimento das letras. Pedimos que após a escrita os alunos lessem o que haviam escrito e identificassem as letras de seu nome. No segundo momento, após confeccionado o cartaz, encaminhamos os alunos ao lado externo para realizar a brincadeira Coelho na toca, praticando o reconhecimento dos nomes. Desenhamos círculos no chão, identificados com o nome dos alunos, e orientamos que sempre ao ouvir “Coelho na toca”, deveriam buscar o círculo com seu nome. Os alunos interagiram bem durante toda a brincadeira e identificaram seus nomes a cada rodada. Os alunos que sentiram dificuldades foram ajudados pelos colegas, e posteriormente as professoras entrevistaram levando-os a exercitar reconhecer as letras de seu nome.

Em nossa décima intervenção, a fim de deixar uma produção exposta aos pais e devido a observação de uma afinidade dos alunos com a pintura, decidimos realizar a pintura de tecido. Ainda tratando sobre brinquedos e brincadeiras, no momento de conversação retomamos brinquedos e brincadeiras tratadas durante nossas regências, bem como as obras do pintor Ivan Cruz. A partir dessa retomada, explicamos que nossa atividade seria realizada na parte externa, utilizando mesas do refeitório devido o tamanho do tecido usado para as pinturas. Esclarecemos que seria uma pintura livre, mas que deveria mostrar brinquedos ou brincadeiras que conversamos em sala, também deveriam identificar seus desenhos escrevendo seu nome. E, o tecido ficaria exposto na escola para os colegas e os pais pudessem ver. A atividade ocorreu bem, os alunos eram convidados um a um a fazer sua pintura.



A instituição em que realizamos as atividades foi desde sempre, acolhedora e fomos recebidas com afeto e disponibilidade para executarmos nosso projeto. Durante o período de observação percebemos que as aulas ministradas pela professora titular eram descontraídas, uma vez que a mesma procura sempre agarrar-se a mecanismos tornando-as menos

cansativas, fugindo assim do rigor da aula tradicional. As crianças têm idades entre 5 a 6 anos, a turma é inquieta e agitada, mas são participativos durante a apresentação dos conteúdos e das atividades; desta maneira entendemos o porquê da desenvoltura da professora ao ministrar suas atividades, driblando a desatenção da turma buscando meios para atrair o foco das crianças à aula com dinâmicas, jogos e brincadeiras. A turma é composta por dezoito alunos, mas devido ao tamanho da sala se torna inviável o trânsito na mesma.

Os alunos têm um bom relacionamento, apesar de inquietos, sempre interagem uns com os outros quando precisam de ajuda nas elaborações de suas atividades e nos momentos de recreação, o que nos fez sentir um grande clima de solidariedade entre eles; bem como, a professora também tem um bom relacionamento com a turma, uma relação de carinho e de assistência, sempre pronta a auxiliá-los no necessário. É sabido que na Educação Infantil a relação de cuidado é muito forte e a encontramos perfeitamente expressa nesta turma.

As aulas contam sempre com o lúdico, jogos e brincadeiras fazem parte da rotina da turma juntamente com os trabalhos em grupos, quadro e pincel e material de baixo custo e sucata.

A partir desse princípio de que o brincar é uma prática cultural de construção de conhecimentos na infância, defendemos que as práticas de alfabetização na perspectiva do letramento levem em conta que a brincadeira é uma prática cultural e histórica, dotada de múltiplas significações, que permite à criança a assimilação de conhecimento sobre a língua, suas formas de organização e seus usos sociais (LOPES, p13, 2011).

Os conteúdos são compatíveis com a série, estão dentro do Projeto Político Pedagógico (PPP) e da proposta curricular do PCNS.

Nesta mesma perspectiva nossas intervenções foram pensadas, nos articulamos junto a professora titular buscando não alterar a forma de trabalho com a qual os alunos estão acostumados, que consideramos adequadas ao processo de aprendizagem e objetivando dar continuidade ao que já estava sendo trabalhado em sala de aula.

Após o contato inicial com a turma, em que os conhecemos no primeiro dia de observação, nos deparamos com o desafio de trabalhar os conteúdos elencados junto a professora, relacionado com o lúdico, atendendo a demanda da turma e a perspectiva da professora.

Optamos por trabalhar de forma lúdica, pois segundo Oliveira (1985, p. 74), o lúdico é

“(…) um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula à crítica, a criatividade, a sociabilização, sendo, portanto reconhecidos como uma das atividades mais significativas pelo seu conteúdo pedagógico social”.

Foi desta maneira que os nossos educandos vivenciaram momentos de aprendizagem significativa por meio de brincadeiras e das artes com situações reais de aprendizagem. Interagiram com os colegas, afloraram suas emoções e desenvolveram habilidades motoras.

Conclusões

Consideramos, pois, que as atividades realizadas na Educação Infantil contribuiu grandiosamente para nossa formação, uma vez que nos permitiu vivenciar a realidade da sala de aula e associá-la a teoria estudada na academia, concretizando debates, discussões e teorias.

Estar em sala de aula nos proporcionou perceber a importância do planejamento e pensá-lo a partir da realidade social vivida pelo grupo. As crianças muitas vezes chegam à escola carentes de carinho, atenção, cuidados e amor, cabendo muitas vezes a nós, professores, saciá-los de tudo isso. Estar atento às condições em que a criança vive como ela

chega a escola e aos sinais que dá no ambiente escolar é indispensável para compreender o que ela sente e do que precisa.

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, p.22)

Além disso, propiciando a aprendizagem lúdica aos alunos, temos a certeza de que contribuímos para a formação deles tanto o quanto eles contribuíram para a nossa. Anulamos de nossa prática a hierarquia que divide alunos e professores e providenciamos a ela uma relação dialógica em que ambas as partes do processo de ensino e aprendizagem possam cumprir seus papéis para além dos limites.

Afirmamos ainda que muito do que por nós foi aprendido, nos foi ensinado pelas crianças, em suas perguntas, gestos, olhares, seus traços no papel e afirmações que muito nos fizeram refletir sobre, para além da educação, a vida.

Referências

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência** \ Selma Garrido Pimenta, Maria do Socorro Lucena Lima; revisão técnica Jose Cerchi Fusari, – 7. Ed – São Paul: Cortez, 2012. – (Coleção docência em formação. – Serie saberes pedagógicos)

NUNES, Claudio Pinto. **Ciências da educação e prática pedagógica: sentidos atribuídos por estudantes de pedagogia** / Claudio Pinto Nunes. – Ijuí ; Ed. Unijuí, 2011. 224 p.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e Infância**. Petrópolis: Vozes, 1999

ZABALZA, Miguel. **Qualidade em Educação Infantil**; Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artemed, 1998.

BRASIL: MEC/SEB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo : Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

ARCE, Alessandra ; DUARTE, Newton (org). **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. Contribuições de Vygostsky, Leontiev e Elkonin. São Paulo, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 29. mai. 2018.

LOPES, Denise M. de Carvalho; VIEIRA, Giane Bezerra. **Linguagem, Alfabetização e Letramento: o trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança**.

In MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/UFRN. CONTINNU – Programa de Formação Continuada do Professor para a Educação Básica – Curso de aperfeiçoamento Infância e Ensino Fundamental de nove anos. Módulo III – Linguagem. Alfabetização e Letramento. Natal: UFRN/CONTINNUM, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TV Escola. **Matemática e a relação com outros campos do saber no ciclo de alfabetização**. Disponível em:

<<https://tvescola.org.br/tve/video;jsessionid=277406B7A788316CE35BD2F65FD86613?vIItem=revista-matematica-e-a-relacao-com-outros-campos-do-saber-no-ciclo-de-alfabetizacao&>>. Acesso em: 24 abr. 2018.